AbeÁfrica: revista da associação brasileira de estudos africanos
v. 11, n. 11, 2025

O imaginário político da Frelimo e aldeias comunais em Moçambique pós-colonial (1975-1990)

Iceu Carlos Sitoe[1]

RESUMO

Neste artigo exploro as possibilidades de aplicação do conceito de imaginário às Aldeias Comunais e ao imaginário político da Frelimo durante a vigência da Primeira República Popular de Moçambique (1975–1990). Com isso, procuro evidenciar o modo pelo qual durante a Luta Armada de Libertação Nacional (LALN), a Frente elaborou um conjunto de imagens, sonhos e utopias sobre a sociedade moçambicana e com os apoios concedidos pela União Soviética e outros aliados, essas representações tornaram-se cada vez mais reais. Foi assim que o imaginário acerca da "nova sociedade/homem novo" expandiu-se sendo as aldeias comunais um importante veículo para a viabilização desse projecto. No que se refere aos procedimentos metodológicos, o texto foi construído na base de leitura das publicações antigas e recentes em torno do imaginário, imaginário político e das aldeias comunais. Em alguns casos, trabalhei com fontes documentais. Por último, fiz análise vertical e horizontal das possibilidades da aplicação do conceito de imaginário político sobre aldeias comunais em Moçambique. O meu argumento principal é de que o imaginário político construído pela Frelimo teve, de forma realista – a exemplo das aldeias comunais - suas próprias práticas, apropriações, atores, lógicas e modus operandi e que, portanto, o imaginário pode ser entendido como um certo deslizamento do real.

Palavras-chave: Aldeias, Comunais, Imaginário, Político, Moçambique.

[1] Iceu Carlos Sitoe é doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, (UFMG). Professor de graduação e pós-graduação da Universidade Save-Moçambique. E-mail: iceucarlos@hotmail.com.

Introdução

Um dos campos de análise que considero mais espinhoso da história política e história cultural do político é sem sombra de dúvida, o debate em torno do conceito do imaginário. Diferentes teóricos têm apresentado reflexões de índole científico-didática para explicar a utilização dos conceitos de representações, imagens, símbolos, sonhos e utopias em vários contextos da vida política e social das sociedades. O presente texto apresenta a temática das aldeias comunais e do imaginário político adjacente, durante a vigência da 1ª República Popular de Moçambique (1975-1990).

Em 1975, Moçambique tornou-se independente, e a Frelimo liderou os processos de transformação do país. Ainda que a Constituição da República Popular de Moçambique de 1975, (CRPM) tenha definido a república como um Estado de democracia popular , em que o poder pertencia aos operários e camponeses, no seio da FRELIMO, (Frente de Libertação de Moçambique) persistia a tarefa de legitimar o imaginário político da Luta Armada de Libertação Nacional (LALN) para uma nova sociedade a edificar. As aldeias comunais foram importantes veículos de operacionalização nesse processo.

Este texto foi desenvolvido em duas fases: a primeira consistiu na apresentação dos fundamentos do Estado moçambicano; em seguida, realizo uma abordagem sobre a gênese das aldeias comunais. Entre estudos antigos e recentes faço um exercício de criações de espaços e brechas para o diálogo entre o conceito de imaginário, imaginário político e aldeias comunais em Moçambique. Dos estudos antigos, trabalhei com a tese de Manuel de Araújo[2] (1989), o relatório da Frelimo[3] ao 3º congresso (1977). Aos estudos mais recentes tenho a destacar a obra[4] de Luís de Brito

[2] ARAÚJO, Manuel Garrido Mendes. *O sistema das aldeias comunais em Moçambique: Transformações na organização do espaço residencial e produtivo*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1989. p. 183.
[3] FRELIMO. *O partido e as classes trabalhadoras moçambicanas na edificação da democracia popular*. Documentos do 3º congresso da Frelimo. Relatório do Comité Central do 3º Congresso, Maputo, 1977.
[4] BRITO, Luís. *A Frelimo, o Marxismo, a construção de um Estado Nacional 1962-1983*. Maputo, IESE, 2019

(2019) e as teses Manuel Matine[5] (2021) e Iceu Sitoe[6] (2023) e outras referências bibliográficas foram relevantes para a análise do conceito e do processo de edificação das aldeias comunais no país.

Por fim, examino a teoria elaborada estritamente sobre aldeias comunais, imaginário, imaginários políticos junto às reflexões paralelas, explorando as possibilidades de aplicação do conceito de imaginário nas aldeias comunais e do imaginário político adjacente na edificação do Estado moçambicano. A pesquisa concluiu que o imaginário político construído pela Frelimo teve, de forma realista – a exemplo das aldeias comunais – suas próprias práticas, apropriações, atores, lógicas e modus operandi e que, portanto, o imaginário pode ser entendido como um certo deslizamento do real.

Da Constituição da República Popular de 1975 aos fundamentos do Estado moçambicano

A Constituição da República Popular de Moçambique de 1975, estabelece que, "a República Popular de Moçambique [foi] fruto da resistência secular e da luta heróica e vitoriosa do povo moçambicano sob a direcção da FRELIMO contra a dominação colonial portuguesa e do imperialismo...."[7] Vale ressaltar que o nascimento de Moçambique (ex-colônia portuguesa), como Estado soberano e independente se deveu a um processo de luta que teve muitas fases. Aliás, a presença da Europa em África sempre foi contestada desde o século XV. Situado nas zonas Austral e Oriental africanas, Moçambique viu-se livre da dominação colonial portuguesa em 1975, através da Proclamação da Independência total e completa, no mesmo ano em que a 1ª Constituição do país foi formulada.

Os grandes eixos da constituição assentavam não só no tipo de Estado a construir, mas também no imaginário político da FRELIMO, enquanto movimento

[5] MATINE, Manuel Henriques. A questão das aldeias comunais em Moçambique: a integração das famílias camponeses na Aldeia comunal em Ximbongweni, Guijá, Província de Gaza (1977-1990), Porto Alegre, (Tese Doutorado, área de História e Ciências Sociais) UFRGS, 2021.
[6] SITOE, Iceu Carlos. *Aldeia Comunal Ravene: coletivização, transformações sociais e violência cultural 1975-1992*. (Tese de Doutoramento) FAFICH, Universidade Federal Minas Gerais UFMG, Belo Horizonte, 2023.
[7] CRPM, 1975, Artigo 1.

libertador da pátria moçambicana. Com a transformação da Frente em partido, em 1977, a Frelimo apropriou-se dos "signos, imagens, símbolos, emblemas, esquemas, [valores, utopias e sonhos] ilustrações e das representações"[8] que caracterizavam a organização. Já a CRPM de 1975, sublinhava entre outros aspectos: *(i)*eliminação de estruturas de opressão coloniais e tradicionais; *(ii)*organização do aparelho de Estado dos trabalhadores e operários; *(iii)*subordinação do Estado ao partido Frelimo; *(iv)*limitação dos direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos; *(v)*ausência da separação dos poderes.

Como se pode notar, a primeira Constituição legitimou a gestão do país ao partido Frelimo. Tal legitimação veio a trazer distorções no exercício do poder do Estado e do partido na esfera prática. Pode-se identificar alguns exemplos de distorções no exercício do poder entre o Estado e o partido no discurso do Presidente Samora Machel durante o III Congresso da Frelimo, conforme ilustra o pequeno trecho que reproduzo a seguir:

> Na destruição do Estado colonial e na edificação do Estado popular inspiramo-nos da experiência das zonas libertadas. As primeiras formas de exercício de poder pelas massas trabalhadoras moçambicanas tiveram lugar no decurso da luta armada de libertação nacional nas zonas libertadas. Tratava-se de uma forma embrionária de Estado popular defensor das classes mais exploradas e oprimidas da sociedade. Os novos organismos de poder continham os princípios da democracia e da participação ampla das massas, militantes e dos combatentes na resolução dos problemas da vida coletiva em cada região. O Estado popular não se encontrava distanciado do povo, nem se impunha a ele. É esta prática sobre a correta orientação da Frelimo, enraizada profundamente nos hábitos e na consciência das massas e na vida democrática.[9]

É importante pontuar que a Luta Armada de Libertação Nacional foi caracterizada por conflitos internos que causaram mortes e execuções sumárias aos supostos reacionários. A prática política da FRELIMO enquanto Frente, foi muitas vezes de silenciar as pessoas que tivessem voz e pensamentos comuns contrários e considerados anticomunistas. A continuidade desses conflitos no imediato pós-independência viria a fazer com que a Frelimo cometesse outros erros. Se, por um

[8] Adaptado, DURAND, Gilbert. *Estruturas Antropológicas do Imaginário*. 1ª Edição, São Paulo, Editora Martins Fontes, Tradução, Helder Godinho, 1997, p. 59.
[9] FRELIMO, 1977, p. 145-146

lado, o colono foi brutalmente expulso, por outro, o processo de reconciliação não foi tão pacífico entre os próprios moçambicanos. Em 1976, surgia a Renamo (Resistência Nacional Moçambicana) e a guerra civil. O impacto dessas divergências recaíram ao Estado que, não obstante a sua autoafirmação, teve dificuldades de se impor mediante os ditames orientadores do Estado democrático moderno, que primam pela separação real dos poderes.

No fundo, os objetivos finais fixados pela primeira Constituição da República Popular de Moçambique em relação ao Estado, passavam essencialmente pela edificação das bases política, ideológico, científica e material da sociedade socialista.[10] Ela definia como linhas fundamentais da política externa, a aliança natural com os países socialistas, a unidade dos povos e Estados africanos, o apoio às lutas dos povos pela sua libertação.[11]

Gênese das Aldeias Comunais em tempos adversos em Moçambique

A tese de doutorado de Araújo, define aldeias comunais como uma forma de organização e concentração das populações residentes [de forma dispersa, preferencialmente no meio rural], que assenta na produção coletiva.[12] Ou seja, um agrupamento de indivíduos supostamente com os mesmos interesses a defender.[13] Trata-se de uma experiência inspirada da União Soviética, e ensaiada inicialmente no âmbito LALN através das zonas libertadas e depois da independência como projeto político de aldeias comunais. As zonas libertadas associam-se a outros fatores importantes tais como: i) mobilização agrícola coletiva; (ii) calamidades naturais – cheias; (iii) antigos aldeamentos coloniais e (iv) regressados pós-Luta de Libertação Nacional; (v) pressão da guerra civil.[14] Por outro lado, Matine (2021) explicou sobre origens das aldeias comunais, como tendo sido um fenómeno com um diálogo notável com a vida das zonas libertadas. Estes lugares que não apresentavam uma fronteira clara que separasse as zonas libertadas, das zonas não libertadas, muito menos das

[10] Ibidem, 1977, p. 57-58
[11] Idem.
[12] ARAÚJO, Manuel Garrido Mendes. 1989, p. 183.
[13] Idem.
[14] ARAÚJO, 1989, p. 183

semi-libertadas, destacando o desnível de transformação de região para região, oque viria a acontecer com a dinâmica das aldeias comunais no imediato pós-independência em Moçambique.[15]

Nos anos que se seguiram à independência, iniciaram-se mudanças importantes no país. Importantes do ponto de vista da magnitude das transformações havidas decorrentes daquele processo. As aldeias comunais desenvolveram-se muito lentamente e foram tratadas com desconfiança pelas comunidades autóctones, que achavam que se estava a adaptar mal ao esquema contínuo de agricultura familiar. "Em 1984, tinham sido instituídas aproximadamente 1500 aldeias comunais (...) e 600 delas encontravam-se em Cabo Delgado, no extremo norte de Moçambique".[16] As aldeias comunais foram distinguidas pela Frelimo, como eixo fundamental da libertação do homem do campo, ou seja: "As Aldeias Comunais constituem a nossa opção estratégica de socialização das zonas rurais".[17] O partido Frelimo entendia que a organização do povo nesses espaços tornaria possível a autossuficiência alimentar, a satisfação das necessidades de saúde, educação e cultura.

Em verdade, a forte oposição às aldeias comunais deveu-se à mudança forçada de grande parte das comunidades da terra em que tradicionalmente trabalhavam — e que era controlada por suas próprias linhagens — para grandes aglomerados semi-urbanos. Tal fato, fez com que com muitos camponeses alojados em aldeias comunais regressassem às antigas casas, deixando os novos aglomerados vazios. Não obstante as possíveis vantagens decorrentes daquela forma de organização para a Frelimo, em uma análise geral pode-se concluir que as aldeias comunais se transformaram em um instrumento de violência cultural contra as comunidades, uma vez que esses novos espaços eram orientados pelo imaginário político do partido Frelimo, fundamentado na concepção de "Sociedade Nova/Homem Novo."

[15] MATINE, 2021, p. 69.
[16] Idem.
[17] FRELIMO, 1977, p. 124

Teses do III Congresso do partido Frelimo e o imaginário político adjacente

O imaginário da "Sociedade Nova/Homem Novo" sempre foi uma representação abstrata da FRELIMO, desde o período da Luta Armada de Libertação Nacional . A representação é entendida por Ginzburg como um termo que atrai ambiguidades. "Por um lado, a representação faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença".[18] Assim, no contexto moçambicano, os eventos políticos ocorridos em 1977, durante o III Congresso vieram clarificar cada vez mais, o (re)pensar desse imaginário político. Na prática, segundo documentos da época analisados por alguns pesquisadores, "a educação do homem novo, procurava destruir as ideias e hábitos corruptos herdados do passado, desenvolver o espírito cientista para eliminar a superstição e práticas obscurantistas[19]

Portanto, os primeiros anos pós-independência foram cruciais para o estabelecimento da ordem instituída. Porém, a FRELIMO não dispunha de um instrumento político-ideológico prático para colocar em prática tal imaginário.. Consciente da necessidade de se suprir tal lacuna, apesar dos avanços da CRPM que referia que , "a República Popular de Moçambique é um Estado de democracia popular em que, o poder pertence aos operários e camponeses unidos e dirigidos pela FRELIMO"[20] a realização do III Congresso da então Frente era encarado como um momento importante para o calcamento daquele imaginário. A transformação da Frente em partido político foi um imperativo para o desenvolvimento da revolução iniciada nos anos 1960. A este título, os estudos de Thompson sobre as dinâmicas político-ideológicas no Moçambique pós-independente aludem que:

> After independence, there was no reason to continue to project [President Machel] as the military commander. He was now the President of the Republic … the leader of all people not only guerillas…. The main challenge [after independence] was [also] to make sure that information would serve the

[18] GINZBURG, C. *Olhos de Madeira. Nove reflexões sobre a distância.* Companhia das Letras, São Paulo, 2001.
[19] MENESES, Maria. Paula. 2015, p. 20.
[20] CRPM, artigo 2.

> interests of the [Frelimo] party[21]. Why the party? Because the party was the ideological guide to the country.[22]

Foi assim que entre 3 a 7 de fevereiro de 1977, realizou-se o III Congresso da Frelimo em Maputo. O primeiro congresso da história da Frelimo a acontecer em solo libertado, juntando membros e delegados da Frelimo a escala nacional.. A tese de doutorado do pesquisador Jamisse Taimo interpretou aquele congresso como um marco na criação de um partido único de orientação marxista-leninista. Definiu-se, então, a concepção de um Estado moderno e de uma sociedade dirigidos por esse partido – a Frelimo – que, nesse momento, consolidava sua transição de movimento de libertação para força política.[23] Em outras palavras, o III Congresso assumiu uma importância histórica fundamental no quadro da edificação do imaginário pautado na concepção de "nova sociedade/novo homem". Do congresso saíram as seguintes diretivas e teses: *(i)*transformação da FRELIMO em partido político marxista-leninista de vanguarda; *(ii)*edificação do aparelho do Estado popular orientado pelo partido; *(iii)*consolidação da independência nacional através do partido Frelimo; *(iv)*continuação do desenvolvimento econômico e social; *(v* edificação do projeto de aldeias comunais; *(vi)*destruição do capitalismo e construção de um país socialista.[24] Estas foram algumas das decisões tomadas durante o citado congresso.

Sobre este assunto, o relatório da Frelimo explicou os objetivos característicos da nova Frelimo que, de fato, ampliaram-se as imagens e os sonhos idealizados para Moçambique da seguinte forma:

---

[21] Tradução Livre: "Após a independência, não havia razão para continuar a projetar [o Presidente Machel] como o comandante militar. Ele era agora o Presidente da República... o líder de todo o povo, não apenas das guerrilhas... O principal desafio [após a independência] era [também] garantir que a informação servisse os interesses do partido [Frelimo]. Por que o partido? Porque o partido era o guia ideológico do país.

[22] Jorge Rebelo apud THOMPSON, Drew. Maputo, Summer 2008, p. 165.

[23]TAIMO, Jamisse Uilson. *Ensino Superior em Moçambique, História, Política e Gestão*. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista, São Paulo, 2010, p. 101.

[24] FRELIMO, *The third congresso os Frelimo*. Central Comittee Report, 1978, p. 44-46

> "The objective of our struggle, the struggle of Mozambique working classes[25] is the construction in our country of a society without exploiters and exploited. To achieve our aims, we must wage an arduous, difficult, complex and prolonged battle against the exploiting classes. This struggle, the class struggle, is the struggle on many fronts, with advances and retreats, victories and defeats. The vanguard party of workers-peasant, alliance, under the leadership of the working class, Frelimo unites voluntary and military alliance workers, peasants, soldiers, revolutionary intellectuals and laboring sectors. Our revolutionary party whose aims is the destruction of the capitalism system and the construction in our country of a society without exploration of man by man. (...) If it is to be a real vanguard force of the laboring classes, our party must be armed with the revolutionary theory which enables its members to understand exactly the law of social development of the revolution. Without this theoretical basis, the party is not in a position to direct and lead the struggle of the laboring masses. This ideological and theoretical is Marxism-Leninism or scientific socialism." (...)[26]

Do exposto, concluiu-se que a Frelimo emergiu do III Congresso de 1977 politicamente fortalecida e mais consolidada enquanto partido único no cenário nacional. De fato, se durante a Luta Armada de Libertação Nacional a FRELIMO teve um forte apoio da União Soviética, a verdade é que foram construídas diversas imagens reais e abstratas em Moçambique, partindo das representações do mundo socialista europeu, ainda que de forma não literal. Portanto, é válido pensar sobre a abordagem de Laplantine&Trindande a respeito da construção do imaginário, quando eles se referem ao fato de que: "o imaginário fornece à instituição o seu caráter de autonomia em relação à sociedade e aos homens que produzem".[27], Os autores articulam a noção de imagens e representações ao afirmar que "o processo do

[25] Tradução livre: O objetivo da nossa luta, a luta das classes trabalhadoras moçambicanas, é a construção, no nosso país, de uma sociedade sem exploradores e explorados. Para alcançar os nossos objetivos, devemos travar uma batalha árdua, difícil, complexa e prolongada contra as classes exploradoras. Esta luta, a luta de classes, é uma luta em muitas frentes, com avanços e recuos, vitórias e derrotas. O partido de vanguarda da aliança operário-camponesa, sob a liderança da classe trabalhadora, a Frelimo, une trabalhadores, camponeses, soldados, intelectuais revolucionários e setores operários, voluntários e militares. O nosso partido revolucionário tem como objetivo a destruição do sistema capitalista e a construção, no nosso país, de uma sociedade sem exploração do homem pelo homem. (...) Se pretende ser uma verdadeira força de vanguarda das classes trabalhadoras, o nosso partido deve estar armado com a teoria revolucionária que permita aos seus membros compreender exatamente a lei do desenvolvimento social da revolução. Sem esta base teórica, o partido não está em condições de dirigir e liderar a luta das massas trabalhadoras. Esta base ideológica e teórica é o marxismo-leninismo ou socialismo científico. (...)

[26] FRELIMO, *The third congresso os Frelimo*. Central Comittee Report, 1978, p. 44-45.

[27] LAPLANTINE. F. & TRINDADE, E. *O que é imaginário*. 2000, p. 24.

imaginário constitui-se da relação entre o sujeito e o objeto que percorre desde o real, que aparece ao sujeito figurado em imagens até a representação possível do real".[28]

Paradoxalmente, os estudos de Castoriadis[29] apontam para a capacidade de produzir uma imagem que não é e, nunca foi dada na percepção. De fato, a imagem tem como ponto de partida um suporte real na recepção; entretanto, no âmbito do imaginário, o estímulo perceptivo é transfigurado e deslocado, produzindo reações que não encontram correspondência no real. Portanto, considero que as imagens e os símbolos criados pela Frelimo refletiam seu imaginário político acerca de uma nova sociedade a ser erguida, inspirada no modelo socialista europeu. "Os signos investidos pelo imaginário correspondem a outros tantos símbolos"[30] (conferir Figura 1, símbolos da bandeira do partido Frelimo). Tratava-se de uma sociedade de trabalhadores e operários, livre da exploração do homem pelo homem. Outro exemplo: a bandeira moçambicana da época, apresentava os seguintes traços: um pinhão (carrete), um livro, uma arma e uma enxada, representando designadamente: o operário, a educação, a defesa e a vigilância, o campesinato e a produção agrícola (conferir Figura 2 e os símbolos da bandeira da república popular de Moçambique). Deste modo, tanto na bandeira do partido quanto na do país, são notórias as marcas de um imaginário político do partido Frelimo em relação a sociedade e o homem moçambicanos.[31]

[28] LAPLANTINE. F. & TRINDADE, E. 2000, p. 27.
[29] CASTORIADIS, C. 1995, p. 25.
[30] Enciclopedia Einaudi. Antropos-Homem. Imprensa Nacional casa da moeda, Lisboa, Volume 5, 1985
[31] SITOE, 2023, p. 138-139.

Figura 1. Os símbolos da bandeira do partido Frelimo



Figura 2. Os símbolos da bandeira da república popular de Moçambique



Aldeias comunais: do imaginário político da Frelimo à práxis do Estado moçambicano

Retomando a temática das aldeias comunais em Moçambique, como mencionado anteriormente, tratou-se de uma forma de organizar as populações moçambicanas para atender as demandas do imaginário político da Frelimo.

Moçambique é um país extenso e constituído por vários povos Conquistada a independência nacional em 1975, o país era caracteristicamente rural e com altos índices de dispersão das comunidades. Tal fato, segundo a Frelimo, a dispersão não facilitaria a expansão da nova ordem instituída. Por esse motivo, a Frelimo optou por enveredar na criação das aldeias comunais, explorando as potencialidades humanas e naturais existentes, e, nalguns casos, recorrendo ao estilo de vida das "zonas libertadas.", enquanto modelo paradigmático na narrativa de libertação.

Embora reconhecendo a relevância de alguns dos elementos centrais da edificação das aldeias comunais em Moçambique preferi por evidenciar na análise dos conceitos de imaginário, imaginário político da Frelimo. Duas razões de fundo justificam a preferência daqueles conceitos: a primeira razão tem a ver justamente, com a natureza do presente texto. Quer dizer, o texto coloca a exposição destes conceitos como o epicentro da análise e as possibilidades imanentes. A segunda razão, não distante da primeira, prende-se exactamente com a complexidade do estudo das aldeias comunais em Moçambique. Trazer ao texto pormenores sobre as machambas colectivas, as cooperativas de produção, as lojas do povo (que substituíram as antigas cantinas coloniais), o acesso à terra, os serviços de saúde e educação, bem como a nova estrutura política local (como os secretários das aldeias e os grupos dinamizadores que substituíram o sistema colonial baseado nos régulos) espetaria outra dificuldade – a de compreensão real e detalhista do funcionamento da política das aldeias comunais em Moçambique e suas nuances no imediato pós-independência, o que manifestamente não é o objecto de análise deste texto.

O sistema das aldeias comunais compreendeu várias metamorfoses "etapistas" e dificuldades reais em Moçambique. Houve a construção e criação de um número significativo das aldeias comunais nos primeiros sete anos do período pós-independência. Estima-se em mais de 1362 aldeias comunais de 1976-1982.[32] O discurso do presidente Samora Machel[33] expressou "inequivocamente", a importância

[32] ARAÚJO, 1989, p. 208.
[33] O presidente Samora Machel é distinguido em vários círculos nacionais e internacionais como uma figura mitológica e carismática da edificação do Estado moçambicano e dos seus esforços da pacificação da região Austral de África.

e o comprometimento do governo da Frelimo na mobilização das comunidades a se organizaram em aldeias comunais da seguinte maneira:

> A Aldeia Comunal é para nós cidade do campo, cidade do campo. A cidade nasce do campo. Não é da cidade que nasce o campo. Isto era campo. Isto era mato. Em toda parte, onde vocês encontram cidade, era campo, mais organizados com a vida colectiva sobretudo, com a vida colectiva, onde a destruição total da vida individual, onde destruímos o individualismo, a ambição, é na aldeia comunal. É ali onde podemos assumir plenamente a nossa tarefa porque vivemos organizados, programados, e com tarefas distribuídas. É na aldeia comunal. (...) Através das aldeias comunais, o nosso esforço colectivo associado com o apoio do governo permitirá resolver [os nossos] problemas da produção, da técnica agrícola, escoamento da produção, regularização dos preços da colheita. (...)[34]

A visão da Frelimo e do seu presidente sobre as aldeias comunais é expressiva e representativa de um conjunto de imagens reais que deveriam ser adoptados e materializados em Moçambique. De fato, no III Congresso de 1977, a aldeia comunal foi concebida como o elemento central para a concretização de múltiplos investimentos projetados no imaginário político da Frelimo.

A tentativa de se adoptar o espírito e letra das aldeias comunais do espaço socialista europeu e das antigas zonas libertadas, em um país independente e com características diferentes da realidade europeia e da própria luta armada, evidenciou tensões profundas entre o ideal utópico e a prática concreta. As imagens e utopias projetadas pela Frelimo, embora mobilizadoras, deram origem a realidades muitas vezes contraditórias, que refletiram as complexidades e os desafios de adaptar modelos estrangeiros a um país em processo de construção nacional,. Tal fato foi defendido por Motta[35], na sua argumentação sobre o campo do imaginário ao defender que: : "(...) Na verdade, a vivência social seria inconcebível sem a mediação das representações imaginárias".

Por isso, o imaginário "diz respeito à construção de representações da realidade que dificilmente coincidem totalmente com o real. Mas, também não é pura e

[34] MACHEL, Samora Moisés. *Organizar a democracia no seio da cidade, liquidar o racismo e a discriminação social*. Frelimo, Maputo, 1976, p. 34-35.
[35] MOTTA, Rodrigo P. S. *História política e o conceito de cultura política*, 1996, p. 87.

simplesmente uma mistificação".[36] Portanto, pensando no caso do imaginário político construído pela Frelimo é possível afirmar que ele ocupou espaços e elaborou práticas, teve seus atores e lógicas próprias que pautaram seu modus operandi. Nesse caso, podemos pensar na guerra de libertação de Moçambique que não abrangeu todo o território nacional e a experiência acumulada nas zonas libertadas mostrou-se pouco aplicável às regiões não abrangidas durante o período pós-independência. Outro exemplo são as calamidades naturais, que afetaram apenas algumas regiões específicas do país, não atingindo todo o território. Isso quer dizer que a mobilização exigida para enfrentar esses desastres foi eficaz apenas nas áreas afetadas, não beneficiando as regiões que ficaram intactas. Ou seja, algumas políticas foram pensadas nacionalmente e não de forma regional. Por fim, podemos pensar nos antigos aldeamentos coloniais que existiam na maioria nos corredores das estradas e linhas-feiras, o que não era representativo para a boa parte do país adentro.

Portanto, teoricamente, não seria razoável, muito menos, pensável a transposição literal das imagens e projetos elaborados conforme os modelos europeus à realidade moçambicana. A definição de imaginário apresentada por Rodrigo Motta[37] é, portanto, pertinente e esclarecedora. Ela enfatiza que o imaginário pode ser entendido como um certo "deslizamento do real", ou seja, um "deslocamento do real".

Em suma, todos estes critérios formulados de forma teórica pela Frelimo ou com base em experiências inseridas em contextos históricos diferentes, como a luta de libertação, tinham uma aplicação parcial no pós-independência. Além disso, foram adaptados por meio de um pragmatismo empírico mais localizado. Esse fato acarretou consequências negativas para o desenvolvimento das aldeias comunais. [38]. Ao que parece, a Frelimo eufórica com seu imaginário político, ao tentar implantar esses projetos e utopias europeus na sociedade pluralista moçambicana, acabou cometendo erros na construção do Estado moçambicano. A pesquisa de Fernandes[39] abordou alguns desses erros da seguinte forma:

---

[36] MOTTA, 1996, p. 87.
[37] MOTTA, Rodrigo, P. S. *Resumo das aulas sobre o imaginário*, 2019.
[38] ARAÚJO, Manuel Garrido Mendes. 1989, p. 202.
[39] FERNANDES, Carlos. *Intelectuais orgânicos e legitimação do Estado no Moçambique Pós-Independência: Caso do Centro de Estudos Africanos 1975-1985*. Revista, Scielo, São Paulo, 2013, p. 29.

> (...) "A FRELIMO tentou criar políticas agrárias que pudessem integrar muitos dos desempregados na economia rural através da construção das aldeias comunais (obrigando os camponeses a deixarem as suas machambas familiares, seus locais sagrados e de culto e a irem viver de forma comunal), cooperativas de produção e das machambas estatais. O descontentamento e desencantamento popular começavam já a despontar gradualmente no horizonte moçambicano. As infraestruturas econômicas e sociais acabariam gravemente afetadas por um misto de deficiente gestão estatal, estrangulamento do tecido social." (...)

O cepticismo das populações era enorme em relação às aldeias comunais. No geral, as comunidades camponesas não tinham muita confiança nas autoridades oficiais do Estado. Os discursos odiosos da Frelimo contra a tradição - entendida como supersticiosa e contrária aos valores do homem novo - dificultou a adesão entusiástica das ao projeto das aldeias comunais, em um país que acabava de conquistar a sua independência. Trata-se de uma nação marcada por uma pluralidade étnico-linguística extremamente forte, com todas as reminiscências e características decorrentes dessa diversidade. . Com isso, podemos afirmar que os estudos de Araújo evidenciam que, de fato, a prática do imaginário político da Frelimo em relação às aldeias comunais ficou aquém das imagens originais e dos sonhos teoricamente formulados pela organização, inspirados no modelo socialista europeu. Tal constatação valida a tese de que o imaginário representa um certo deslizamento do real.

Considerações finais

Este texto aponta que as imagens e símbolos criados pela Frelimo durante e logo após a Luta Nacional de Libertação refletiam o seu imaginário político sobre uma sociedade nova a erguer, inspirada do modelo socialista europeu. Portanto, tanto na bandeira do partido quanto na do país, foram notórias as marcas de um imaginário político da Frelimo em relação a sociedade e o homem moçambicanos. A tentativa de se adoptar o espírito e a letra das aldeias comunais do espaço socialista europeu e das antigas zonas libertadas em um país independente e com características diferentes dessas realidades, fez com que as imagens e utopias criadas produzissem outras realidades.

Por fim, é possível concluir que as aldeias comunais se transformaram em um instrumento de violência cultural contra as comunidades, uma vez que esses novos espaços eram orientados pelo imaginário político da Frelimo, inspirado no modelo socialista europeu e fundamentado na ideia da "Sociedade Nova/Homem Novo". Portanto, esse imaginário político teve, de forma realista, suas próprias práticas, apropriações, atores, lógicas e modus operandi, o que valida a tese de que o imaginário é um certo deslizamento do real.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Manuel Garrido Mendes. O sistema das aldeias comunais em Moçambique: Transformações na organização do espaço residencial e produtivo. (Tese de Doutorado). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1989.

BRITO, Luís. A Frelimo, o Marxismo, a construção de um Estado Nacional 1962-1983. Maputo, IESE, 2019

CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

Constituição da República Popular de Moçambique, (CRPM), Maputo, Imprensa Nacional, de 1975.

ENCIPLÓPEDIA EINAUDI. Antropos-Homem. Imprensa Nacional casa da moeda, Lisboa, Volume 5, 1985.

FERNANDES, Carlos. Intelectuais orgânicos e legitimação do Estado no Moçambique Pós-Independência: Caso do Centro de Estudos Africanos 1975-1985. Revista, Scielo, São Paulo, 2013.

FRELIMO. O partido e as classes trabalhadoras moçambicanas na edificação da democracia popular. Documentos do 3º congresso da Frelimo. Relatório do Comité Central do 3º Congresso, Maputo, 1977.

FRELIMO, The third congresso os Frelimo. Central Comittee Report, Maputo, 1978.

GINZBURG, C. Olhos de Madeira. Nove reflexões sobre a distância. Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

DURAND, Gilbert. Estruturas Antropológicas do Imaginário. 1ª Edição, São Paulo, Editora Martins Fontes, Tradução, Helder Godinho, 1997.

LAPLANTINE, F & TRINDADE, L. O que é Imaginário? São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

MACHEL, Samora Moisés. Organizar a democracia no seio da cidade, liquidar o racismo e a discriminação social. Frelimo, Maputo, 1976.

MATINE, Manuel Henriques. A questão das aldeias comunais em Moçambique: a integração das famílias camponeses na Aldeia comunal em Ximbongweni, Guijá, Província de Gaza (1977-1990), Porto Alegre, (Tese Doutorado, área de História e Ciências Sociais) UFRGS, 2021.

MENESES, Maria Paula. Xiconhoca, o inimigo: Narrativas de violência sobre a construção da nação em Moçambique. Revista Crítica de Ciências Sociais. Paris, 106, 2015.

MOTTA, Rodrigo, P. S. Resumo das aulas sobre o imaginário, 2019.

MOTTA, Rodrigo, P. S. História política e o conceito de cultura política, In: REVISTA DE HISTÓRIA, X ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/MG, Mariana, Nº 6, 1996.

SITOE, Iceu Carlos. Aldeia Comunal Ravene: coletivização, transformações sociais e violência cultural 1975-1992. (Tese de Doutoramento área de História) FAFICH, Universidade Federal Minas Gerais UFMG, Belo Horizonte, 2023.

TAIMO, Jamisse Uilson. Ensino Superior em Moçambique, História, Política e Gestão. (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2010.

THOMPSON, Drew A. Constructing a History of Independent Mozambique, 1974-1982: A study of Photography, Cape Town, Bard College, 2013.

The Political Imagination of Frelimo and Communal Villages in Post-Colonial Mozambique (1975–1990)

Abstract: The article explores possibilities of application of the imaginary concept over common village and Frelimo political imaginary during the Mozambique first people republic 1975-1990. As the independence acquired in 1975, Frelimo complete one of their objectives to release the country. During the liberation Mozambique struggle, the front has built images, dreams and utopics over mozambican society. With assistance conceded by USSR, these images were become increasingly true in Mozambique. It was that context, which imaginary "new society/new men" has expanded of nation willing news territories in to society. Common village was an important way for that project. Following for that goal, this essay was built by analyzing ancient and recent studies of the imaginary, political imaginary e common villages. In some cases, I have worked of the documental sources. Lastly, I analysis vertical and horizontal possibilities of applies the imaginary, imaginary political concepts over common villages in Mozambique. The main argument of the essay is that, the politic imaginary practice in relationship with common villages, had really their spaces, practices, actors, logics and modus operandi, was so far from images and dreams theorically created by Frelimo. The thesis was authenticated that imaginary is displacement of real.

Keywords: Villages, Common, Imaginary, politic, Mozambique.

Recebido: julho/2025
Aprovado: novembro/2025.